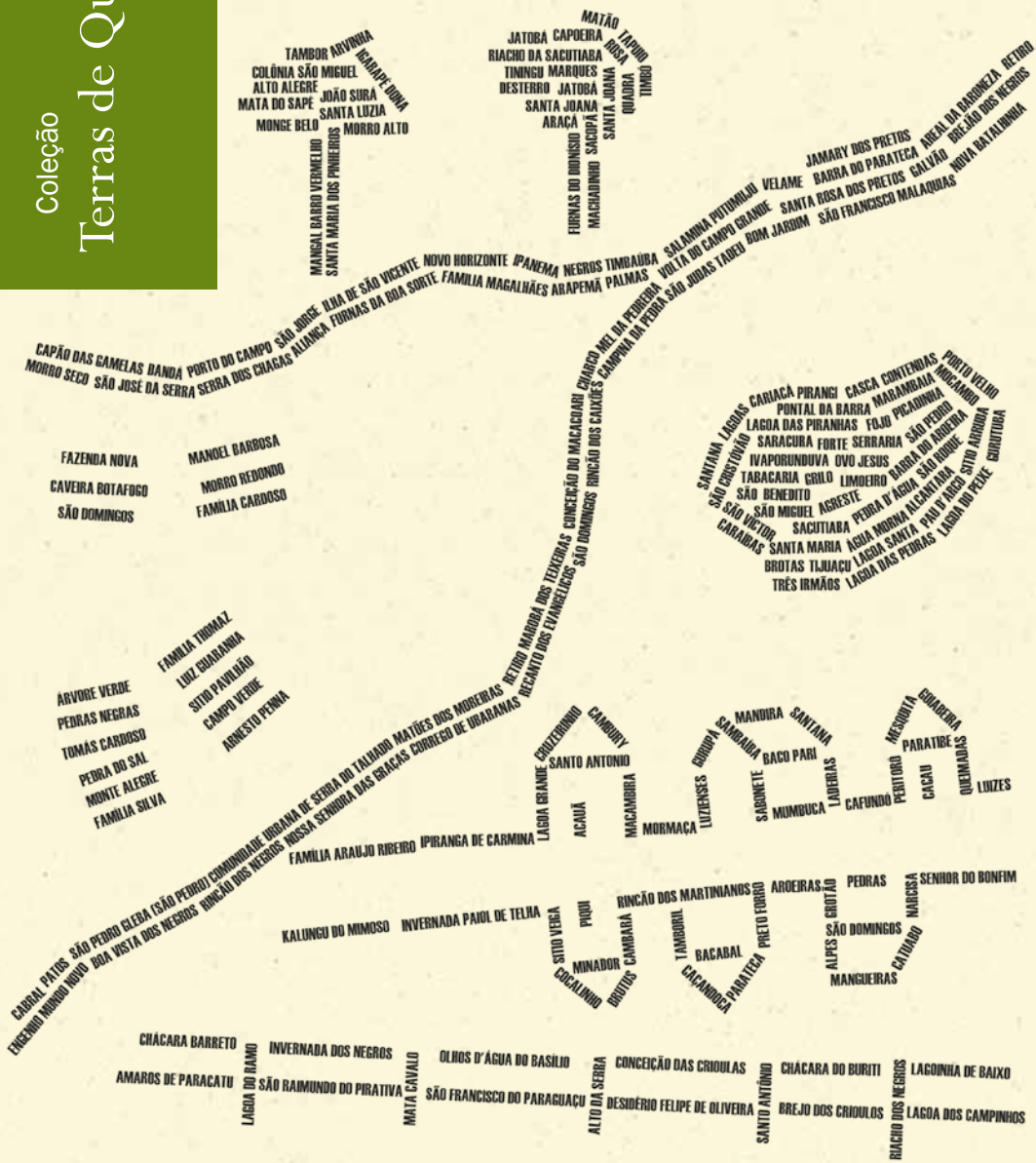
Coleção
Terras de Quilombos
Pará

Comunidade Quilombola
Peruana



As terras de quilombos são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

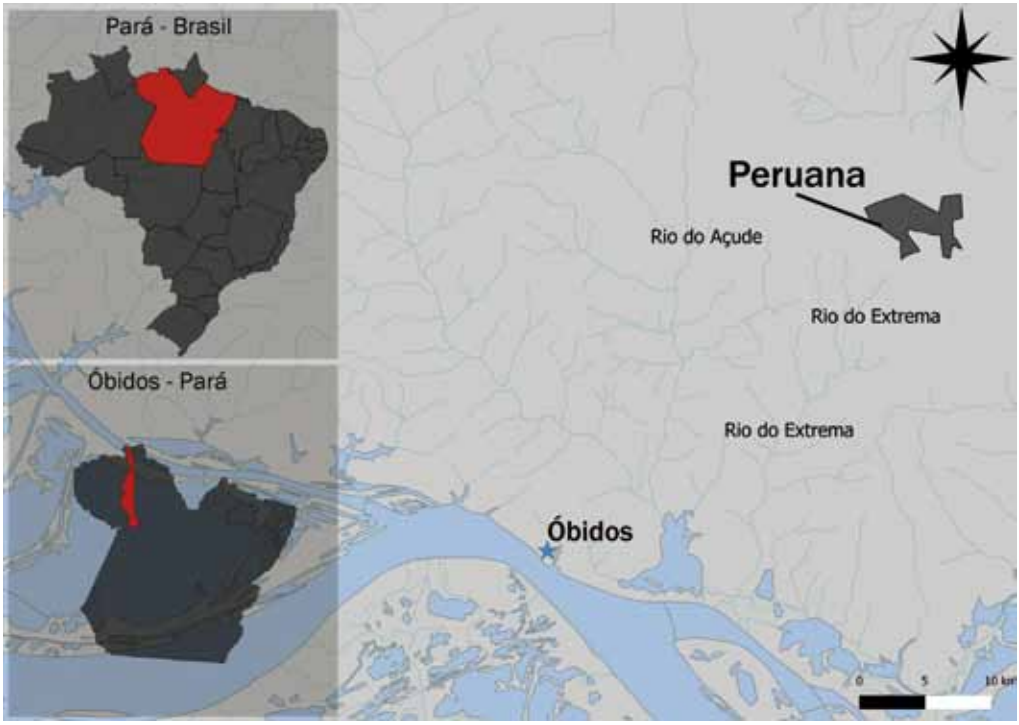
O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.

Comunidade Quilombola Peruana

A Comunidade Quilombola Peruana está localizada no município de Óbidos, no estado do Pará, região do Baixo Amazonas onde existem várias outras comunidades quilombolas. Peruana foi formada, em 1989, por três famílias descendentes de quilombolas do Pará e do Maranhão. Em 2007, a comunidade recebeu a certidão de autorreconhecimento de sua identidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, e desde então aguarda a titulação de seu território tradicional, identificado em 1.945,5300 hectares conforme publicação do RTID/INCRA. No ano de 2013, viviam em Peruana 16 famílias, totalizando 77 pessoas.



A comunidade Peruana se formou a partir de três casais que iniciaram as famílias Moura, Matos e Soares. Tinham em comum uma experiência de migração e a afirmação de sua ancestralidade negra ligada à formas de organização e práticas quilombolas. A maioria dos atuais quilombolas de Peruana é descendente desses primeiros casais que ocuparam a terra. Uma comunidade de parentes se formou no território e segue criando e fortalecendo os laços de solidariedade que marcam o quilombo.

A formação de Peruana

No fim do século 18, a região era ocupada por fazendas de colonizadores, que cultivavam cacau e criavam gado, tendo se tornado uma área de exploração de recursos naturais e de mão de obra escravizada, tanto indígena quanto africana. A formação da cidade de Óbidos e de cidades vizinhas datam desse período, quando quilombos também começaram a ser formados, pela resistência de negros e indígenas. Isso resultou na marcante presença de diversas comunidades quilombolas em Óbidos: Mata, Nossa Senhora das Graças, Arapucú, Patauá do Umirizal,

Igarapé da Peruana.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013 p. 55

Maratubinha, Cuecé, Silêncio, Mondongo, Igarapé dos Lopes, Castanhanduba, Apuí, São José e Peruana. Algumas dessas comunidades já têm seus territórios titulados junto ao Instituto de Terras do Pará (ITERPA) e outras estão em processo de titulação.

O nome Peruana faz homenagem ao Igarapé Peruana localizado no território e que é fundamental para a comunidade. Algumas histórias fazem referência à origem do nome do igarapé: uma delas conta que, na região, existia um senhor chamado de Peruano que vivia catando castanhas pelos vários castanhais existentes. Outros acrescentam que o senhor era negro e que tinha uma "fala difícil" não compreendida por quase ninguém e que, por isso, foi chamado de Peruano, dando nome ao igarapé e depois à comunidade.

Três casais tiveram seus caminhos cruzados, em diferentes momentos, e se uniram para construir o que viria a ser o quilombo. José de Almir de Moura, cearense criado no Maranhão, e Maria Delfina da Silva, maranhense, chegaram no lugar que viria a ser Peruana, vindos do Maranhão, em 1982. Mais tarde, em 1989, vieram Valdemiro Matos e Maria Francisca Matos, também do Maranhão. Em 1993, chegam Manoel João Soares e Maria da Conceição de Oliveira, vindos de outra região do estado do Pará. Já em 1989, as famílias Moura e Matos, e seus descendentes, começaram a manifestar seu autorreconhecimento como quilombolas.

De acordo com os moradores de Peruana, a data 13 de dezembro de 1989, da primeira missa celebrada na comunidade em uma capelinha improvisada na casa de Sr. Valdemiro Matos e Sra. Maria Francisca Matos, é também a data de fundação da comunidade com seu autorreconhecimento quilombola.

Maria Delfina nasceu na cidade de Mirador, no Maranhão, e desde bebê morou na comunidade de Carrapicho, no mesmo estado. Delfina diz não se lembrar da mãe e nem dos avós maternos,

pois faleceram quando ainda era criança. Seu pai, com quem teve mais contato, era filho de uma mulher indígena e de um homem negro, que o teria entregue para um dono de engenho para trabalhar cortando lenha. Delfina conta que o pai dizia que sua bisavó materna era mocambeira em um engenho do Maranhão. Quando se casou com José Almir, foram morar nos arredores do quilombo São Raimundo dos Mulundus, no Maranhão, mantendo uma relação muito próxima com a comunidade - principalmente por terem reconhecimento de sua ancestralidade negra e ligações com formas de organização e práticas quilombolas.

Mesmo articulados com esta comunidade, enfrentaram muitas dificuldades no Maranhão, sobretudo por não terem uma terra onde morar e produzir. Em 1982, um irmão de Delfina que morava em Óbidos conseguiu um terreno para o casal, que logo se mudou e começou a habitar o lugar onde surgiria Peruana. Ali tiveram 11 filhos, todos cresceram na comunidade. A maioria ainda vive no quilombo e alguns se mudaram para Óbidos e Manaus, para estudar.

Casal José Almir de Moura e Maria Delfina da Silva.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013 p.33

José Almir e Maria Delfina atualmente vivem em uma casa, situada mais próxima do núcleo de moradias de outra comunidade, chamada Liberdade. Sua casa fica a mais de uma hora de caminhada do núcleo de Peruana. O trajeto só é possível à pé: saindo do núcleo de Peruana, precisam caminhar 30 minutos e atravessar um igarapé. A única passagem é uma árvore tombada, que funciona como ponte. Depois caminham por mais 40 minutos até chegar em casa.

A história de Peruana também se constituiu com a trajetória do casal Valdemiro Teixeira Matos e Maria Francisca de Melo Matos. Os dois também nasceram no Maranhão, e em busca de melhores condições de vida e de terra para viver e produzir, se mudaram para o Estado de Goiás, onde se conheceram. Casaram e tiveram 11 filhos. Sofrendo muitos conflitos com fazendeiros decidiram se mudar e escolheram o Estado do Pará, na cidade de Óbidos. Chegaram à cidade em 1987 e foram morar na comunidade de Santa Rosa, onde viveram por quase dois anos. Mas essa comunidade também enfrentou conflitos com pessoas que

Casal Valdemiro Teixeira Matos e Maria Francisca de Melo Matos.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013 p. 35

reivindicavam a propriedade da terra onde viviam. Foi então que, em 1989, se mudaram para Peruana.

Desde que começou a morar em Peruana a família enfrentou dificuldades para se manter e, junto com Delfina e José Almir, estabelecer uma comunidade. Com muito esforço e empenho, eles e outros moradores conseguiram fortalecer os laços comunitários. Sem máquinas ou equipamentos específicos, trabalharam com afinco para abrir o Ramal Peruana e construir as primeiras áreas comuns do território.

Além disso, Valdemiro também buscou participar das atividades que envolviam as outras comunidades quilombolas de Óbidos, num esforço de valorizar sua ancestralidade negra e de todos os seus descendentes. Em um desses encontros, no Quilombo de Cuecé, Valdemiro pôde reconstituir a árvore genealógica de sua família através de um desenho que descreve os casamentos e os nascimentos que constituem um conjunto de parentes, constatando seu pertencimento à uma comunidade remanescente de quilombo. Esse episódio estimulou a mobilização dos moradores de Peruana, em grande parte filhos e netos de Valdemiro, na luta para serem reconhecidos como quilombolas. Sr. Valdemiro faleceu em 1995, deixando em seus filhos, netos, bisnetos e companheiros da comunidade a força necessária para continuar a luta pela titulação do território da comunidade.

Maria Francisca também pôde resgatar sua ancestralidade quilombola por meio de uma reconstituição de árvore genealógica. É filha de negros nascidos na década de 1910, e seus avós, tanto paternos como maternos, foram negros nascidos logo após a assinatura da lei Áurea. Seu bisavô, Sr. Raimundo, viveu a escravidão, e era conhecido como um *preto velho rezador*. Ao resgatar essas informações sobre a trajetória de sua família, ela se identifica enquanto descendente de povo negro que sofreu os males da escravidão e resistiu.

Maria da Conceição de Oliveira.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013 p.38

Em 1993, Manoel Soares e Maria da Conceição de Oliveira, paraenses, chegaram em Peruana. Ela nascida na comunidade Fuzil, próxima à Peruana, e ele vindo da comunidade quilombola de Moura, em Oriximiná, cidade que também é território de ancestralidade negra. Manoel e Maria tiveram vinte filhos, e muitos deles vivem com os pais em Peruana.

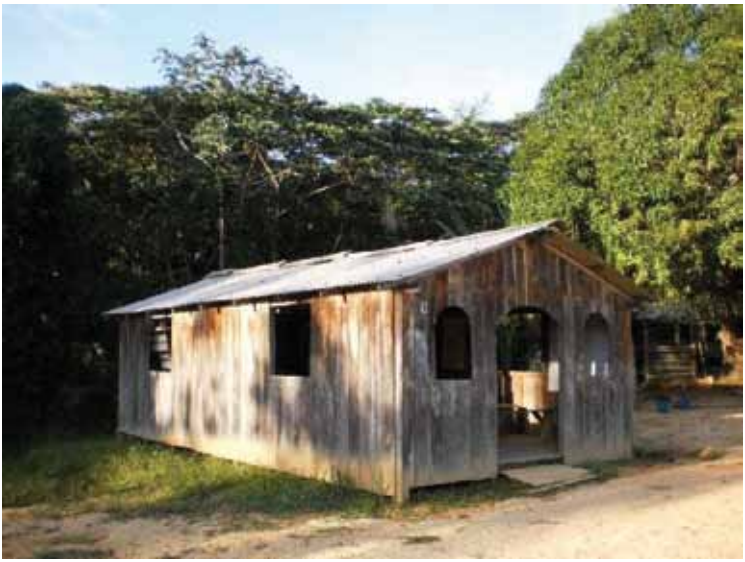
A partir das trajetórias desses três casais principais e seus descendentes construiu-se a comunidade de Peruana. A comunidade esteve desde seu início muito articulada com outras comunidades quilombolas da região, participando de vários eventos e mobilizações políticas, principalmente junto da comunidade Cuecé. Essa articulação aproxima os jovens das diferentes comunidades e favorece muitas uniões, inclusive casamentos, entre eles.

O uso da terra

As famílias de Peruana vivem principalmente da agricultura, pecuária e extrativismo. As casas de madeira e taipa estão espalhadas pelo território que possui uma área de uso comum, onde construíram coletivamente uma igreja católica, uma escola (que até 2013 se encontrava em ruínas), uma cozinha comunitária e um pequeno campo de futebol. Nesses espaços acontecem encontros inter-comunitários e reuniões da comunidade, fortalecendo vínculos religiosos, culturais e políticos.

O edifício da igreja é utilizado como escola, abrigando turmas de educação infantil e ensino fundamental até o 5º ano. Em 2013, as aulas eram oferecidas por duas professoras. O preparo da merenda e a limpeza do local eram feitos por meio do revezamento entre os pais, já que a escola não contava com funcionários

Escola em ruinas, construída pela Comunidade.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013. p. 23



Igreja Católica da Comunidade Peruana
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013. p. 22

Sala de aula na Igreja de Peruana
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013. p. 25

para executarem essas tarefas. Para cursar o restante do ensino fundamental, os alunos precisavam se deslocar para a escola da comunidade de Paiol, que fica há 12km de Peruana. Para cursar o ensino médio, era necessário ir ainda mais longe, pois era oferecido apenas no município de Óbidos, o que incentivava a migração dos jovens, o que não é nada desejável pela comunidade.

Vegetação no território de Peruana
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013. p. 57

Os quilombolas de Peruana têm uma forte ligação com o ambiente, mantendo uma relação de equilíbrio e cuidado nas suas práticas. Apesar de enfrentarem pressões da expansão da agropecuária de mercado na região, eles se empenham na preservação da sua terra. Cultivam diversas ervas que são utilizadas para fabricação de chás e xaropes para tratamento de doenças. Vivem da agricultura familiar tradicional usando técnicas ancestrais: cada família cultiva seu próprio roçado e produz os alimentos que são a base da comunidade: cará, milho, feijão, arroz, e tabaco. Criam também pequenos animais: porcos, galinhas e picotes para o consumo familiar.

Cozinha comunitária
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013. p. 23

A Associação dos quilombos do município de Óbidos

Os quilombolas de Peruana estão articulados aos demais quilombolas da região, por meio de eventos festivos, religiosos e políticos, geralmente organizados pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Óbidos - ARQMOB, criada em 1997. Além de fazerem parte dessa associação, os quilombolas de Peruana também possuem uma organização interna, e uma movimentação para a criação de uma associação própria, com o nome de Associação da Comunidade Remanescente de Negros da Área da Peruana – ACORNEAP. As mobilizações para a criação dessa associação e para a escolha da primeira diretoria estavam acontecendo em 2013. Uma pessoa importante neste processo era Cleone de Souza Matos, que desde esse ano, atuava como líder da comunidade, com a tarefa de direcionar as demandas comunitárias.

Um dos desafios a serem enfrentadas pela associação comunitária de Peruana (ACORNEAP) diz respeito ao deslocamento dos moradores entre a comunidade, a cidade de Óbidos e outras localidades. Peruana fica à 60 km desta cidade, e o acesso se dá pelas rodovias PA 254 e PA 429. A partir daí, o acesso à comunidade se restringe ao chamado Ramal de Peruana, que tem extensão de 15 km. Ele foi construído pelos próprios moradores em 1991, e apresenta diversos problemas. Usualmente um ônibus deixa os moradores da comunidade por volta de meio dia na entrada do ramal, horário em que o calor é mais intenso, e precisam caminhar todo o percurso de 15km a pé.

A Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Óbidos - ARQMOB realiza encontros que contam com expressiva participação dos moradores de Peruana, quando discutem estratégias de organização,compartilham informações sobre os processos de titulação e outros aspectos políticos e

culturais, e reforçam sua percepção quanto à identidade coletiva e sua ancestralidade. Entre esses encontros destaca-se o "Encontro de Raízes Negras", que acontece regularmente tendo sede em uma das treze comunidades componentes da Associação. Em 2015, a comunidade Peruana também participou do Encontro "Quilombolas de Óbidos e a Luta pela Terra", que tinha como objetivo acelerar a conclusão dos processos de titulação na região inclusive o dessa comunidade, promover discussões sobre a defesa dos territórios e o fortalecimento das associações da região.

Fonte: Comissão Pro-Índio de SP (http://comissaoproindio.blogspot.com.br/2015/08/quilombolas-de-obidos-pa-definem.html)

Outra articulação política entre essas comunidades foi durante os anos de 2003 e 2004, quando as quilombolas de Óbidos formaram um grupo de mulheres denominado Kadinda, ligado à ARQMOB, cujo objetivo principal era sensibilizar as comunidades quilombolas sobre a importância de assumir sua identidade. Durante estes dois anos todas as comunidades quilombolas de Óbidos foram visitadas e convidadas a construir e fortalecer os laços entre as mulheres, servindo também para fortalecer o respeito por muitas matriarcas que fundaram as comunidades. Participavam da Kadinda, as quilombolas de Peruana: Raimunda do Socorro Viana de Castro, Edinéia Rego e Ivanilde.

Membro da Kadinda, Raimunda do Socorro Viana de Castro.
Fonte: AMARAL, Raquel A. Trabalho de campo. Peruana/2013 p. 54

É através do seu sentimento de pertencimento ao território, da sua ancestralidade baseada nas três famílias que fundaram Peruana, e da sua articulação com comunidades vizinhas, que os quilombolas de Peruana fortalecem sua identidade. Essa construção é muito importante para a luta pela terra em um contexto em que os moradores de Peruana têm enfrentado a expansão da agropecuária na região, e são alvo de conflitos tornando difícil a vida no lugar. Alguns vizinhos não-quilombolas já tentaram se apropriar de partes das terras, alegando ao Estado que ali era "terra sem dono". Além disso, outras pessoas que têm terras próximas já cercaram locais que serviam de caminho para chegar até a comunidade. Outros moradores relatam até agressões verbais contra eles. Apesar disso os quilombolas vivem e produzem na sua terra, criando um vínculo com ela e também com seus companheiros que ali habitam. Dessa forma, a garantia da demarcação de sua terra torna-se essencial para que a comunidade continue crescendo e fortalecendo esses vínculos.

Esta narrativa foi escrita por Nicole Faria Batista, a partir do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola de Peruana. Elaborado pela antropóloga Raquel Araújo Amaral, publicado em outubro de 2013.

Uma palavra da comunidade Peruana

A comunidade está em luta constante em busca de seus objetivos, construindo parcerias com outras comunidades quilombolas. Assim, formamos um grupo de lideranças e lutamos juntos por uma causa que não é só da Comunidade Peruana, mas de todas as Comunidades Quilombolas de Óbidos que lutam para terem seus territórios titulados. A ideia de criarmos uma associação se formou a partir da primeira visita do Incra à comunidade. Esta visita marcava o início do processo de elaboração do Relatório Antropológico da Comunidade Peruana. Nesta ocasião em que estávamos reunidos, a assembleia se perguntava a respeito de quem ficaria com o título da área coletiva. E foi a partir daí que vimos a importância de criarmos uma associação para Peruana, e que, inclusive até hoje nos representa e que está em situação legal graças ao apoio e participação da própria comunidade em suas atividades. Já que a comunidade não tem oportunidade de trabalho para os moradores, o único meio de geração de renda é o trabalho na agricultura de onde nós tiramos o sustento de nossas famílias. A comunidade tem diferentes plantações de roças: arroz, macaxeira, batata doce e trabalhos com mudas de plantas em várias espécies, a partir de enxerto. Somos uma população muito pequena e parte dela não sabe ler e nem escrever. A estrutura de educação escolar que temos ainda é mínima e só funciona do primeiro ao quinto ano com pouco conforto para as crianças. A escola atual, que funciona também como barracão comunitário, foi construída com a participação de toda a comunidade. A madeira

foi beneficiada por pessoas da comunidade, assim como a mão de obra que teve como mestre principal o Senhor Cleone. Não temos saneamento básico, posto de saúde e energia elétrica. Durante esse tempo de luta a Comunidade já teve uma grande conquista, que foi o avanço no processo de titulação de nossa área, e isso nos deixa mais esperançosos em realizar o nosso sonho que é a titulação definitiva do nosso território. Tivemos momentos difíceis por falta de apoio do poder público, ameaças direcionadas a nós, lideranças. O que nos mantém firmes na luta é saber que dia após dia estamos conseguindo um pouquinho mais de espaço na sociedade e o apoio de algumas entidades que nos dão suporte nas nossas lutas. Quanto às pessoas que podemos homenagear, destacamos os casais: Maria Francisca de Melo Matos e Valdemiro Teixeira Matos, em memória; José Almir de Moura e Maria Delfina da Silva Moura; Manoel João Soares e Maria da Conceição de Oliveira. A história de luta dessas pessoas está descrita no Relatório Antropológico de nossa comunidade. Essas pessoas destacadas tiveram e têm uma importância muito grande na manutenção de nossa luta, contando aos mais novos as histórias de nossos antepassados, fazendo assim, que se garanta a continuidade dos costumes do povo quilombola da comunidade Peruana.

Palavra escrita por Cleone de Souza Matos – Coordenador Geral da ACORNEAP (Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo da Área da Peruana); localizada no Município de Óbidos Pará e colaboração de Douglas Sena da Comunidade.

Terras de Quilombos

Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Juarez Rocha Guimarães. Rodrigo Ednilson de Jesus
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Danúbia Zanetti, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

B333c Batista, Nicole Faria
Comunidade Quilombola Peruana / Nicole Faria Batista. - Belo Horizonte: FAFICH, 2017.

16 p. (Terras de quilombos)
Baseado no Relatório antropológico da Comunidade Quilombola Peruana / de Raquel Araújo Amaral.

1. Quilombos. 2. Antropologia. I. Amaral, Raquel Araújo. Relatório antropológico da Comunidade Quilombola Peruana. II. Título. III. Série.

CDD:306
CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD

JÚLIO BRAGA MANDÚ
Coordenador do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconcepções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG CERBRAS CES - AL
Quilombolas INCRA nead SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO CASA CIVIL BRASIL GOVERNO FEDERAL